



**Data:** 22.05.2020

**Título:** Universidades tentam evitar fraudes em exames

**Pub:**



**Tipo:** Jornal Nacional Diário

**Secção:** Nacional

**Pág:** 1;2;3



# Universidades tentam evitar fraudes em exames

Destaque, 2

Área: 1265cm² / 44%

Foto Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6847515



Data: 22.05.2020

Título: Universidades tentam evitar fraudes em exames

Pub:

Tipo: Jornal Nacional Diário

QuickCom  
comunicação integrada

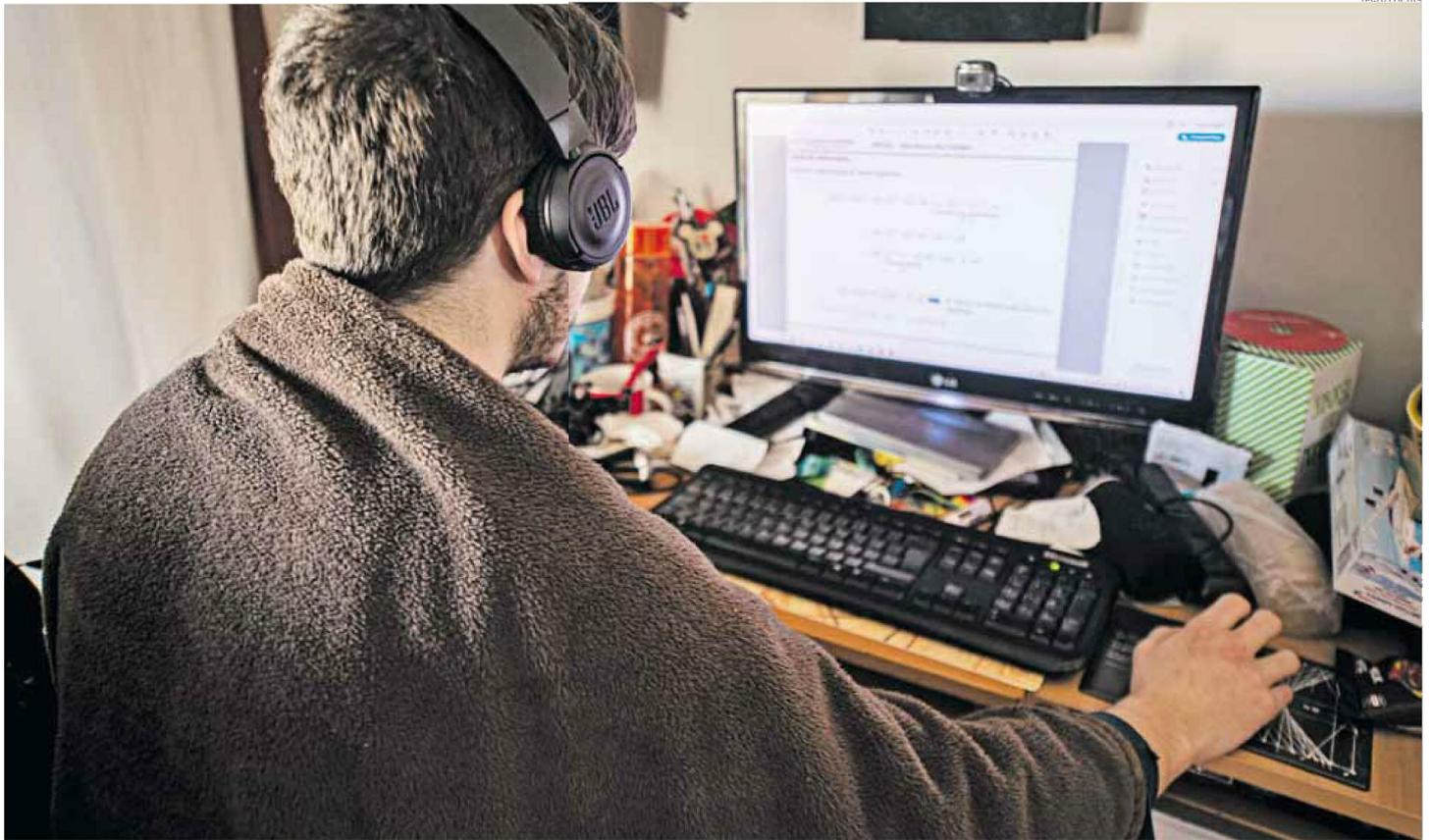
Secção: Nacional

Pág: 1;2;3

# CORONAVÍRUS

## Universidades tentam evitar fraudes em exames

Haverá casos em que os exames não poderão mesmo ser feitos à distância



Área: 1265cm² / 44%

FOTO Titragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6847515



Data: 22.05.2020

Título: Universidades tentam evitar fraudes em exames

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3



## Câmaras ligadas, *browsers* bloqueados e avaliações por videoconferência são algumas das soluções arrançadas pelas instituições para substituir os exames presenciais. Alunos preocupados com privacidade e falhas na Internet

Karla Pequeno  
e Samuel Silva

Foi só à terceira que Joana Costa, de 23 anos, conseguiu chegar ao fim de um teste *online* sem percalços. A primeira prova de avaliação à distância foi difícil de fazer com a professora a interromper constantemente os alunos – “liguem as câmaras”, “lembrem-se do tempo”, dizia. O segundo ficou por fazer, com a ligação da Internet da estudante a cair pouco depois do início.

“Acontece muito cá em casa”, admite ao PÚBLICO Joana Costa, a concluir o mestrado de Engenharia do Ambiente do Instituto Superior Técnico. Muitas vezes, tem de assistir às aulas na cozinha, onde estão sempre a passar pessoas, porque fica mais perto do *router*. “A única coisa a fazer naquele dia era esperar que a Internet voltasse para avisar a professora.” Os colegas, que estavam todos interligados numa chamada de vídeo, dizem que ainda ficaram a ouvir a docente a chamá-la, pedindo-lhe que voltasse a ligar a câmara.

A avaliação em Poluição Atmosférica e Tratamento de Efluentes Gasosos resulta de quatro pequenas provas e de um exame final. Com o início das aulas *online*, em Março, decidiu-se que as avaliações iniciais seriam feitas no Socrative, uma plataforma que permite elaborar questionários simples, com videoconferências em simultâneo no Zoom para evitar fraude. O problema é que, quando se sai de uma prova, não se volta a entrar. “Ainda não sabemos como será o exame final, mas deve ser numa plataforma semelhante”, sugere Joana Costa. “Espero que a Internet não caia.”

### Como examinar?

A escolha do método de avaliação é uma decisão com que várias instituições se debatem. As respostas vão chegando aos alunos, mas os detalhes são escassos. Para já, em boa parte das disciplinas, os professores do ensino superior estão a optar pela

avaliação contínua – tal como já faziam em regime presencial. A nota final baseia-se na realização de trabalhos e projectos, complementada por pequenas provas, escritas, mas sobretudo orais, feitas à distância.

“Sei que farei, pelo menos, uma prova em casa com uma plataforma que bloqueia o ecrã. Será no dia 15 de Junho, mas não temos mais informação”, partilha Liliana Leitão, de 23 anos, estudante da licenciatura em Educação Básica, um curso da Escola Superior de Educadores Maria Ulrich em parceria com o Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ex-Instituto Superior de Psicologia Aplicada, ISPA). “Até agora, as únicas avaliações que fiz foram apresentações de grupo em videoconferência. Têm existido problemas, com ligações a cair e professores que não ouvem, mas estamos todos a tentar.”

A Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa diz que está prevista uma época especial para alunos com problemas técnicos. Os exames à distância da instituição arrancaram na quarta-feira, em regime virtual. Antes de começar, os alunos, que acedem ao exame com as credenciais da faculdade, autorizam que seja tirada uma fotografia com a câmara do computador que ficará anexa ao exame e substitui a monitorização da prova.

“É difícil antever todos os problemas, mas há um conjunto de soluções alternativas para compensar alunos que reportem falhas de electricidade ou a perda de conexão”, explica Joaquim Ferreira, presidente do conselho pedagógico da Faculdade de Medicina. “É impossível confirmarmos se as situações são reais, ou estratégias de alunos que estão a ter dificuldades em responder às perguntas, mas está previsto o acesso a um período especial de exames.”

Para evitar fraudes, a faculdade optou por exames com perguntas cronometradas que vão sendo apre-

sentadas aleatoriamente. “Isto impede que estejam todos a responder à mesma pergunta em simultâneo”, justifica o docente, que estará sempre contactável durante as provas. A maior dificuldade, diz, foi a falta de tempo: “Estamos a implementar um novo modelo de avaliação devido à situação excepcional no país. Foi tudo decidido em meses, quando normalmente teríamos anos.”

A generalidade das instituições de ensino superior vai fazer as avaliações finais do segundo semestre à distância. É uma realidade que põe em risco a “credibilidade da avaliação” no ensino superior, reconhece o pró-reitor para os sistemas de informação da Universidade de Aveiro (UA), José Vieira. “Costumo dizer que qualquer aluno tem hoje mais mecanismos de comunicação à sua disposição do que tinha o quartel-general dos Aliados na II Guerra Mundial. Numa situação destas, é muito fácil alguém encontrar forma de produzir uma fraude.”

Há dias, o jornal espanhol *El País* contava como estudantes universitários se oferecem em anúncios *online* para fazerem exames a troco de dinheiro (entre 15 e 35 euros), ligando-se remotamente ao computador do estudante ou respondendo à distância às perguntas.

Em Portugal, o PÚBLICO não encontrou ofertas deste tipo *online*. No entanto, garantir a credibilidade da avaliação foi uma preocupação das instituições de ensino superior desde o momento em que encerraram portas, em Março. Enquanto a transição para o ensino à distância foi resolvida “de forma surpreendentemente rápida e ágil”, considera José Vieira, o problema da avaliação “subsistiu sempre”. Apenas quando se considerar “que não existem condições, os exames serão realizados presencialmente, garantindo escrupulosamente todas as condições de segurança sanitária”, explica o reitor da Universidade Nova de Lisboa, João Sâagua.



Data: 22.05.2020

Título: Universidades tentam evitar fraudes em exames

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário



Secção: Nacional

Pág: 1;2;3

A orientação de realizar os exames apenas a algumas disciplinas será seguida também pelas restantes universidades e politécnicos – à semelhança do que está a ser feito na retoma das aulas presenciais, apenas em cadeiras laboratoriais e práticas.

Nas épocas especiais de exame, em Julho ou em Setembro, “espera-se que possa haver mais provas presenciais do que à distância”, avança fonte da Universidade do Minho. Instituições como a Universidade de Coimbra ou o Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, vão seguir o mesmo caminho. Essa é, porém, uma metodologia que se torna difícil em disciplinas com um grande número de inscritos, sobretudo teóricas do primeiro ano das licenciaturas. José Vieira dá o exemplo de Cálculo II, uma disciplina partilhada por vários cursos da UA, com mais de 1400 estudantes matriculados.

Foi para responder a esses casos que a UA criou um grupo de trabalho para examinar plataformas de avaliação à distância existentes no mercado, que integra professores das universidades de Lisboa e de Trás-os-Montes e Alto Douro. Nas últimas semanas foram várias as universidades e institutos politécnicos que criaram iniciativas de colaboração como esta. “Quer da parte dos professores, quer da parte dos alunos não havia conhecimento de que existiam ferramentas tão boas para fazer os exames à distância”, avalia José Vieira.

### Negócio em alta

É uma área em crescimento, com a empresa de análise de mercado MarketsandMarkets a estimar que o sector do ensino *online* ultrapasse 19,4 mil milhões de euros até 2023. Muitas das ferramentas focam-se em evitar a fraude. Algumas, como a Proctorio, utilizam câmaras e inteligência artificial para monitorizar a linguagem corporal do aluno. Outras, como a ProctorU, dependem de professores vigilantes ligados por videoconferência.

Ao todo, o grupo de trabalho da UA coordenou e avaliou perto de duas dezenas de possibilidades. Assim, os exames escritos serão resolvidos no Moodle, uma plataforma de ensino à distância que a generalidade das instituições de ensino já usava, ou através da plataforma Blackboard, usada por instituições como o Iscte, com um

funcionamento semelhante.

A realização das provas nessas plataformas é combinada com a utilização do Safe Exam Browser, desenvolvido pela ETH de Zurique, uma das mais conceituadas universidades europeias. Este *software* de acesso à Internet funciona como os *browsers* comuns, mas com uma particularidade: uma vez activado, não é possível usar outra janela do computador, evitando que o aluno possa copiar ou recorrer a ajuda externa.

### ‘Gravação é mais intrusiva’

No mercado existem outras soluções como o Lockdown Browser, que funciona de forma semelhante ao Safe Exam, ou outros “navegadores” que não bloqueiam o computador, mas avisam o professor quando o aluno tenta abrir outra janela do *browser*. As universidades vão recorrer a programas complementares, como o Turnitin, usado pela Nova de Lisboa, ou o Urkund, escolhido pela Universidade do Algarve, que servem para detectar plágio. Na Beira Interior será usado o medQuizz.

Em muitos casos, tudo isto será complementado pelo recurso a videoconferência, para os professores verificarem quem está a responder ao exame. As instituições asseguram, porém, que as sessões não serão gravadas. É algo que a Comissão Nacional de Protecção de Dados (CNPD) considera fundamental. “A gravação é muito mais intrusiva, sendo necessário definir medidas concretas para impedir a gravação, quer de um lado, quer do outro, em exames e apresentações orais”, nota Isabel Cruz, portavoz da CNPD.

No caso da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, as câmaras apenas serão utilizadas para fotografar os alunos antes do começo do exame feito através da plataforma QuizOne. A possibilidade de outro tipo de vigilância era algo que estava a preocupar os estudantes. Até agora, porém, a CNPD diz que não recebeu quaisquer queixas por parte de alunos, instituições ou professores, registando apenas dúvidas pontuais de docentes sobre a legislação.

A instituição não se pronuncia sobre soluções específicas, mas diz que é importante existirem alternativas. “Para haver consentimento dos alunos, é preciso liberdade de escolha.

Para isso, têm de existir outras opções, como poder fazer o exame na faculdade”, explica Isabel Cruz. Para a CNPD, quando não é possível encontrar alternativas, o “fundamento da licitude tem de ser o interesse do aluno”. “O facto de muitos alunos utilizarem computadores dos pais ou de outros familiares, através de computadores partilhados, proporciona que, além da exposição dos alunos, se coloque em causa a exposição de outros utilizadores que nada têm a ver com o propósito inicial”, justifica Carlos Carvalho, director executivo da empresa de cibersegurança Adyta, uma *spin-off* da universidade do Porto.

Na semana passada, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) anunciou que irá realizar um conjunto de testes a vários sistemas de avaliação remota, dado que não existe uma solução “à medida” que possa cobrir todas as necessidades das diferentes instituições de ensino superior em Portugal. O projecto-piloto está a ser desenvolvido pela FCCN, a Unidade de Computação Científica da FCT.

“Não há uma só solução”, comenta José Vieira, pró-reitor da Universidade de Aveiro. “E nem é sequer necessário que seja uma solução tecnológica”, acrescenta. Naquela instituição está também a ser seguida uma solução que passa por revelar aos alunos o exame de modo parcial, “ajustando a escala temporal” à realização de um exame *online*.

Apesar da demora de algumas universidades em definirem e explicarem como funcionarão os exames, alguns alunos acreditam que os actuais desafios têm permitido uma maior proximidade das instituições com os estudantes.

“Tem existido muita compreensão por parte dos professores”, reconhece Joana Costa, a aluna do IST que ficou barrada de acabar uma das provas do mestrado. “A professora já me disse que o meu caso será reavaliado no final do semestre, e o primeiro teste que fizemos com a plataforma não vai contar, porque a própria percebeu que foi difícil concentrarmos com tanta interrupção”, explica a aluna. “É um processo de adaptação de ambas as partes.”

karla.pequenino@publico.pt  
samuel.silva@publico.pt



Area: 1265cm² / 44%

Titragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6847515



**Data:** 22.05.2020

**Título:** Universidades tentam evitar fraudes em exames

**Pub:**



**Tipo:** Jornal Nacional Diário

**Secção:** Nacional

**Pág:** 1;2;3



## É difícil antever todos os problemas, mas há um conjunto de soluções para compensar alunos que reportem falhas de electricidade ou a perda de conexão”

**Joaquim Ferreira**

Pres. Cons. Pedagógico  
Faculdade de Medicina da UL

Área: 1265cm² / 44%

Titagem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6847515